



PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PÓS-GRADUAÇÃO EM LOGOTERAPIA E ANÁLISE EXISTENCIAL

Victor Irving Endraos Luquini de Melo Souza

**A Arte de Amar: A Logoterapia como uma resposta à
problemática do amor e dos relacionamentos contemporâneos**

Salvador

2021

Victor Irving Endraos Luquini de Melo Souza

**A Arte de Amar: A Logoterapia como uma resposta à
problemática do amor e dos relacionamentos contemporâneos**

Artigo apresentado ao Programa de Pós-Graduação da Universidade Católica do Salvador, como requisito parcial para obtenção do Título de Especialista em Logoterapia e Análise Existencial.

Orientadora: Eliane de Jesus, Psicóloga e Doutouranda em Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher, NEIM UFBA, e Mestrado profissional em Desenvolvimento Humano e Responsabilidade Social, (Fundação Visconde de Cairu, Ba

Salvador

2021

A Arte de Amar: A Logoterapia como uma resposta à problemática do amor e dos relacionamentos contemporâneos

Victor Irving Endraos Luquini de Melo Souza¹

Resumo

A observação e análise do campo das relações interpessoais ditas “amorosas”, contemporaneamente, permite constatar que o ser humano parecer não “saber amar” ou viver num tempo de pseudoamor... Como Bauman (1925-2017) diria, tempos de amor líquido... tempo em que as pessoas se relacionam em busca de retorno imediato, evidenciando uma incapacidade de dedicação genuína ao outro, uma valorização de superficialidades e consumos, e investimento em relações pautadas prioritariamente no *ter* e distanciadas do *ser*. E ainda denunciando uma incapacidade de definir a natureza desse afeto e uma banalização do uso da palavra “amor”, passa-se a nominar qualquer manifestação, minimamente afetiva, de amor, gerando assim uma desqualificação do fenômeno, desconsiderando sua relação saudável com outras manifestações do comportamento humano no campo interpessoal, tais como: desejo, impulso e atitudes sexuais e eróticas. Torna-se, portanto, imprescindível, inclusive numa perspectiva de resgate, intervenção e promoção da saúde integral do ser humano, estudar e conceituar melhor esse fenômeno humano, abordando-o a partir de uma perspectiva existencial, fenomenológica, considerando sua essência e qualidade noética, tal qual nos permite fazê-lo a Logoterapia e Análise Existencial, corrente psicológica criada pelo neurologista, psiquiatra e filósofo Viktor Emil Frankl (1905-1997), que define o amor como um aspecto da autotranscendência humana e trata a atitude de amor como sendo a única forma de tocar na dimensão espiritual do ser, aquela que o torna

¹ Graduado em psicologia pela UFBA - Universidade Federal da Bahia(2017); Especializando em Logoterapia e Análise Existencial pela UCSal - Universidade Católica do Salvador (2020)

único e insubstituível, e de encontrar o sentido de sua existência . Essa parece-nos ser uma resposta saudável à problemática do amor e das relações contemporâneas.

Palavras-chave: Amor; Pseudoamor; Logoterapia.

Abstract

The observation and analysis of the field of so-called “loving” interpersonal relationships, allows us to see that the human being does not seem to “know how to love” or live in a time of pseudo-love ... As Bauman (1925-2017) would say, times of liquid love ... time when people relate in search of immediate return, showing an inability to genuinely dedicate to the other, an appreciation of superficialities and consumption, and investment in relationships based primarily on having and distanced from being. And still denouncing an inability to define the nature of this affection, and a trivialization of the use of the word “love” starts to name any manifestation, minimally affective, of love, thus generating a disqualification of the phenomenon, disregarding its healthy relationship with other manifestations. of human behavior in the interpersonal field, such as: desire, impulse and sexual and erotic attitudes. It is, therefore, essential, including in a perspective of rescue, intervention and promotion of the integral health of the human being, to study and conceptualize this human phenomenon better, approaching it from an existential, phenomenological perspective, considering its essence and noetic quality , such as Logotherapy and Existential Analysis, a psychological current created by the neurologist, psychiatrist and philosopher Viktor Emil Frankl (1905-1997), which defines love as an aspect of human self-transcendence and treats the attitude of love as being the only way to touch the spiritual dimension of being, that which makes it unique and irreplaceable, and to find the meaning of its existence. This seems like a healthy response to the problem of love and contemporary relationships.

Keywords: Love; Pseudo love; Logotherapy.

Introdução

O que é o amor? Uma sensação boa que nos acomete e permanece de forma passiva, por sorte, sem nenhum esforço, ou uma arte que requer uma certa práxis, um conhecimento e um desenvolvimento da personalidade total para ser percebido, vivenciado e sustentado?

Segundo Fromm (1991), a maioria das pessoas acredita e segue a primeira premissa, e algumas atitudes do amor contemporâneo tendem a reforçar essa ideia: um “amor à primeira vista”, pautado em ímpeto ou paixão não em conhecimento íntimo do outro; um amor que mercantiliza características ditas positivas do outro almejado, tratando a questão como um problema que se resume em encontrar o objeto certo para satisfação de necessidades, e não como uma vivência de desenvolvimento de uma faculdade, de habilidades e de autotranscendência; um amor que quer ser atraente a qualquer custo buscando ser amado, mas nunca amar.

Essa inegável fragilidade e efemeridade dos vínculos humanos, o sentimento de insegurança que as causa e que delas resulta; o conflito emocional estimulado por desejos conflitantes, pela vulnerabilidade que estimula resistência e mecanismos de autodefesa e proteção, fomentando um inconstante comportamento de apertar os laços, enrijecendo o controle do outro, e ao mesmo tempo mantê-los frouxos, reforçando o próprio autocontrole, se mostra como uma realidade ativa nas relações humanas, constituindo assim novas experiências, as quais, se passou a chamar de “amor”. (BAUMAN, 2004).

A Logoterapia e Análise Existencial apresenta-se como um referencial teórico inovador que pode abrir caminho para encontrarmos uma resposta assertiva ao problema em questão, a banalização do amor, em sua perspectiva teórica, enquanto dificuldade de definição, e prática, como dificuldade da relação humana. Para Frankl (2008), o amor é a única maneira de captar outra pessoa no íntimo da sua personalidade, ter uma consciência plena da essência última de outro ser humano. É um fato antropológico fundamental, um dos dois aspectos da autotranscendência da existência humana. O homem é voltado para fora de si, se direciona para um sentido a realizar, ou ao encontro com alguém.

A discussão a respeito do amor e a busca por vivê-lo ou “encontrá-lo”, como corriqueiramente se fala, são tópicos recorrentes, desde conversas de bar até sessões terapêuticas. Talvez, este se apresente como o mais importante dos afetos na mente do homem médio, o homem comum do dia a dia, medida de comportamento para todos os seres humanos, como bem destaca Erich Fromm:

Todos sentem fome dele; assistem a infindável número de filmes sobre histórias de amor, felizes e infelizes, ouvem centenas de sovadas canções que falam de amor (...)” (FROMM, 1991, p.9).

Este artigo comunica os frutos de um trabalho que se justifica em sua importância e relevância por trazer à evidência e atenção uma dificuldade atual, e propor uma perspectiva teórica que pode auxiliar à proposição de intervenção educativa e terapêutica para os problemas contemporâneos dos relacionamentos amorosos, trazendo uma luz à questão. Um dado quantitativo que corrobora a necessidade de se pensar mais e melhor sobre o amor e as relações humanas é o número de divórcios, por exemplo. Um a cada três casamentos termina em separação no país. É o que mostram os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). ... Essa correlação saltou para 31,4% em 2016 – com 1,1 milhão de matrimônios e 344.000 separações.

Espera-se que este artigo possa contribuir para uma problematização acerca do conceito de amor, e da banalização do uso deste termo que acaba por desencadear compreensões equivocadas, e por vezes até nocivas, do ato de amar. E ainda apresentar a Logoterapia e Análise Existencial como uma perspectiva teórica e prática que pode auxiliar na promoção de uma saúde biopsicossocial e espiritual do indivíduo e da sociedade contemporânea, mostrando um amor possível, valoroso e humano.

Este artigo comunica o resultado de uma pesquisa que se fundamentou e referenciou teoricamente em três perspectivas na sua construção: a análise cultural do amor, proposta na “Psicanálise Humanista” de Erich Fromm, a crítica sobre a fragilidade dos laços humanos proposta pelo sociólogo e filósofo Zygmunt Bauman, traçando assim, um panorama atual sobre o problema em questão; e a teoria do amor da “Logoterapia e Análise Existencial” criada e desenvolvida por Viktor E. Frankl, buscando conceituar o que é o amor, e compreender a ontologia dimensional

para conseguir diferenciar as atitudes em relação ao próximo em seus diferentes níveis; sexual, erótica e amor.

Metodologicamente procedeu-se a uma pesquisa básica, exploratória e bibliográfica onde se buscou uma compreensão inicial do tema, de forma que projetos futuros em relação à essência, função e atitudes do amor nela possam ser subsidiados. Fez-se uma revisão de literatura utilizando como base as obras “A Arte de Amar” de Erich Fromm (1991), “O Amor Líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos” de Zygmunt Bauman (2004) para sustentar a problemática do amor moderno, e a vasta bibliografia de Viktor Frankl para desenvolver uma narrativa do que é o amor, e sua manifestação saudável.

Amor, Desejo e Impulso

O discurso sociocultural acerca do amor tem se evidenciado confuso, impreciso e banal. Numa perspectiva filosófica e psicológica importa fazer distinções buscando precisão conceitual para uma tratativa real da questão. Assim, Bauman (2004) apresenta distinções teóricas entre as possíveis formas humanas de se relacionar.

Diante da alteridade, da diferença em relação ao outro, surge uma vontade de consumir, de devorar, de ter acesso àquilo que não sou eu. Isso é o desejo, essa necessidade de provar e se satisfazer daquele outro. Para Bauman (2004) o desejo é esse impulso destrutivo, que tende a puxar para perto e arrasar com qualquer que seja o objeto. Já o amor, seria a capacidade de nutrir e cuidar de algo, se expandindo para o além, para o encontro com o outro: “Amar é contribuir para o mundo, cada contribuição sendo o traço vivo do eu que ama.” (BAUMAN, 2004, p.24)

Agora esse amor também pode significar tirar o poder do outro e assumir a “responsabilidade” diante de. Em uma perspectiva de ciúmes, cercar e controlar, ou ainda, dominar com medo de que o outro possa vir a sofrer. Essa sede de poder, que anda de mãos dadas com esse afeto, é muito vívida no nosso amor ocidental, uma ideia de aprisionamento:

Enquanto a realização do desejo coincide com a aniquilação de seu objeto, o amor cresce com a aquisição deste e se realiza na sua durabilidade. Se o desejo se autodestrói, o amor se autoperpetua." (BAUMAN, 2004, p.25).

Podemos pensar ainda em uma terceira expressão humana, extremamente contemporânea, o impulso, mas não um impulso como uma manifestação de desejo ou amor, e sim, como algo particular movido por uma lógica de consumo, imediatista e instantânea, onde eu aproveito algo mas sempre estando aberto a uma experiência nova e possivelmente melhor. O desejo ainda precisa ser construído e nutrido, e este é um tempo muito longo para os padrões atuais, padrões estes, onde a maior das virtudes é o “amor à primeira vista”;

“Seus olhos se cruzam na sala lotada; o brilho da atração está lá. Você conversa, dança, ri, compartilha um drinque ou uma piada, e quando se dá conta um dos dois pergunta: ‘Na sua casa ou na minha?’ (BAUMAN, 2004, p.25)

Considerar preliminarmente essas categorias comportamentais se evidencia essencial para o propósito de salientar que nem todos os comportamentos podem ou devem ser denominados como atos de amor. Apesar de haver um esforço atual, uma tentativa de romantização e legitimação de diferentes “formas” de se relacionar, nominar um encontro sexual de “fazer amor” leva à banalização da experiência, estabelecendo novos valores que as distanciam muito de uma prática mais genuína. A satisfação no amor individual não pode ser obtida sem a capacidade de amar o outro, com humildade, coragem, fé e disciplina (FROMM, 1991). Cabe agora discutir um pouco mais quais as atitudes mais comuns; como se dão as relações humanas na atualidade, principalmente as amorosas que são o objeto deste estudo.

Premissas do Amor Contemporâneo

Erich Fromm (1991) defende em seu livro “A arte de Amar”, que o amor é uma arte, e conseqüentemente, necessita de conhecimento e esforço. Agora a grande maioria das pessoas, talvez até a sociedade de uma forma mais geral, não partilharia dessa visão, definindo o amor muito mais como uma “sensação

agradável”, que por vezes nos acomete por sorte, não havendo nada que devesse ser aprendido sobre. Nesse exercício de “naturalizar” o amor, onde nada precisa ser pensado ou colocado em evidência, o ser humano apresenta comportamentos que acabam por distanciá-lo de uma vivência relacional saudável. Algumas premissas atuais sustentam essa ideia, caracterizando uma vivência inautêntica, um pseudoamor, como tratamos a seguir:

1.1 Amar é ser atraente

Para muitas pessoas amar é se sentir desejado, é possuir virtudes que quando expostas as tornam mais interessantes aos olhos do objeto de afeto. É ter um perfil atraente para ser exposto e desejado.

“A maioria das pessoas vê o problema do amor, antes de tudo, como o de ser amado, em lugar do de amar, da capacidade de alguém para amar. Assim, para essas pessoas o problema é como serem amadas, como serem amáveis.” (FROMM, 1991, p.9).

Nessa busca por desenvolver essa habilidade, a pessoa ambiciona padrões de sucesso, a “influenciar pessoas e captar amigos”; tendem a buscar um crescimento social e financeiro, almejar e alcançar um nível hierárquico maior, trabalhar vestuário e o corpo como uma forma de ser mais atraente, ou ainda desenvolver maneiras agradáveis, uma conversa mais interessante, ser prestativo, etc... para ser amável.

Ser amável seria uma mistura de ser popular e ter atração sexual. E para, além disso, ao desenvolver tal perfil, passa a também demandar isso da parceira/o, criando assim um patamar onde se exclui gradativamente cada ser que não acompanhe tal “padrão de desenvolvimento”. Trataremos mais dessa questão de mercantilizar o afeto mais a frente.

1.2 Amar é encontrar o objeto certo

A ideia dominante na cultura ocidental é que o problema do amor é uma questão de encontrar o alvo correto, e não, de uma faculdade, ou de uma atitude a ser desenvolvida e trabalhada: “Pensa-se que amar é simples, mas que é difícil encontrar o objeto certo a amar - ou pelo qual ser amado.” (FROMM, 1991, p.10).

Essa ideia é consolidada pelo contexto social, iniciado principalmente no século XX, onde o amor romântico passa a ser uma condição a priori para o estabelecimento das relações. Anterior a esse período, época vitoriana, as uniões ou casamentos eram acordos sociais pautados por outros tipos de interesse, onde se via o amor como algo a ser desenvolvido com o passar do tempo, com hábito e dedicação. Hoje a ideia de uma paixão, de algo surpreendente, que te desestabilize passa a ser o critério fundamental, o objeto certo é o objeto romântico.

A sociedade reforça e sustenta essa lógica da paixão como condição a priori para o desenvolvimento das relações. Filmes, séries, propagandas, livros, há uma idealização maciça que concretiza esse padrão como referência e modelo de identificação comportamental, estabelecendo assim relacionamentos não autênticos, vendo o amor sempre como uma busca de algo idealizado e utópico.

1.3 Mercantilização do Amor

O capitalismo exerce uma forte influência na forma como se dão as relações. Toda nossa cultura é pautada no poder de compra. O homem se realiza de acordo com o que adquire e consome, sempre buscando uma troca vantajosa. Assim, as relações perpassam uma dinâmica similar: busca-se encontrar pessoas que possuam as características valiosas de mercado, que, assim delas detentora, se agrega ao indivíduo como signo de sucesso e status social. Isso muda de acordo com o período e tipo de sociedade, onde a ideologia dominante em cada momento institui seus objetos de desejo. É sempre ponderado o que pode ser oferecido, avaliando assim se essa troca é vantajosa ou não.

“Numa cultura em que prevalece a orientação mercantil, e em que o sucesso material é o valor predominante, pouca razão há para surpresa no fato de seguirem as relações do amor humano os mesmos padrões de troca que governam os mercados de utilidades e de trabalho.” (FROMM, 1991, p.12)

Passa-se a enxergar o ser humano, apenas, como um amontoado de características, distanciando-se de um encontro pautado em unicidade. Eu tenho uma namorada que é bonita e inteligente, isso é ótimo! Amanhã conheço outra pessoa, que é bonita, inteligente e rica!! Porque não largaria minha atual e caminharia em direção a um novo horizonte, um novo amor? Se assim eu estaria tendo sucesso?

1.4 Estar Enamorado/Estar Amando

Outro tipo de comportamento que problematiza o amor é a confusão comumente feita entre o momento inicial de estar enamorado, ou apaixonado e o amor, ou melhor dizendo, a duração desse amor, já que essa distinção não é evidente para os envolvidos. Encontrar uma outra alma disposta a uma relação de intimidade real, onde quebram-se as barreiras e os dois sentem-se um só, com uma entrega genuína, é uma das experiências mais vívidas do ser humano, algo grandioso, divino, ainda mais para pessoas antes sozinhas e fechadas em si, que não vivenciavam o amor. Essa união se torna ainda mais fácil e sustentável quando combinada com uma atração e com satisfação sexual. Entretanto, esse processo de novidade e encanto não dura para sempre, logo as pessoas sentem-se entediadas e as mazelas individuais começam a aparecer, minando assim essa fantasia inicial.

“Entretanto, no começo, elas de nada disso sabem; de fato, tomam a intensidade da paixão, a “loucura” que sentem uma pela outra, como prova da intensidade de seu amor, quando isso apenas provaria o grau de sua anterior solidão.” (FROMM, 1991, p.13).

1.5 Amor Líquido

Apesar do caráter contemporâneo da obra de Fromm, por ter sido escrita em 1956 algumas dinâmicas e formas de relacionamento interpessoal amoroso novas apareceram. Cabe assim, adicionar uma outra premissa que englobe o advento

tecnológico que abraçou a contemporaneidade. A ideia da liquidez, defendida por Bauman (2004) diz respeito à atual fragilidade dos vínculos humanos, onde se busca proximidade ao mesmo tempo que não se pode prender-se a nada. O grande instrumento desse movimento é o advento da internet e suas dimensões de rede e conectividade. Estabelece-se assim relações “reais”, “eye to eye, body to body” (olho no olho, corpo no corpo), que diz respeito aos encontros físicos convencionais e as relações estabelecidas e nutridas na rede, as relações virtuais.

“Diferentemente dos “relacionamentos reais” é fácil entrar e sair dos “relacionamentos virtuais”. Em comparação com a “coisa autêntica”, pesada, lenta e confusa, eles parecem inteligentes e limpos, fáceis de usar, compreender e manusear. Entrevistado a respeito da crescente popularidade do namoro pela Internet, em detrimento dos bares para solteiros e das seções especializadas dos jornais e revistas, um jovem de 28 anos da Universidade de Bath apontou uma vantagem decisiva da relação eletrônica: “Sempre se pode apertar a tecla de deletar”. (BAUMAN, 2004, p.8)

As relações virtuais distanciam o sujeito dos “fardos” dos relacionamentos convencionais, que envolvem entrega e dedicação, tempo que em nossa atual sociedade não possuímos. Isso gera relações superficiais, imediatistas e movidas por ímpeto. É claro que isso não engloba todas as relações virtuais, mas se consolida como uma prática que pode resultar em muito sofrimento e incapacidade de vivenciar relações mais autênticas.

Tanto Bauman (2004) quanto Fromm (1991) apresentam exemplos de “pseudoamores”, práticas disfuncionais que se distanciam muito de um exercer mais genuíno. O amor e suas manifestações relacionais, aquele que ama se relaciona, visa uma outra estrutura, uma que não se encerra em atitudes sexuais e eróticas, sendo uma manifestação da dimensão espiritual.

Cabe agora apresentar o que é, ou pode ser, um amor genuíno e saudável. Vamos a Logoterapia e Análise Existencial.

Amor à Luz da Logoterapia e Análise Existencial

Para Frankl (2019) o amor não é estar atraído por características físicas de sua preferência, como gostar da cor de cabelo ou dos olhos de uma parceira, isso é um fenômeno instintual. Ou ainda fascinado por uma estrela ou astro de cinema, por mais que não seja uma mesma atração por instinto, ainda é um foco em características específicas, como um sorriso ou voz. Uma situação completamente diferente é quando passa-se a enxergar não a qualidade ou característica que uma pessoa possui, mas quem ela é, o ser em sua singularidade e unicidade, o portador dessas qualidades.

“Amar não é, portanto, estabelecer relações de natureza erótico-instintual com parceiro essencialmente anônimo e basicamente substituível por alguém dotado de idênticas qualidades. Nem é mera satisfação de impulsos de alguém interessado não por uma pessoa, mas por um tipo. Dessa realidade deflui que o amor é, por assim dizer, intransmissível.” (FRANKL, 2019, p.93)

Podemos perceber facilmente essa distinção: para um homem que perdeu a esposa, ficar com sua irmã gêmea com características físicas idênticas, seria a mesma coisa? Ou ainda para uma mãe que perde um filho, ter outro resolveria o luto?

Assim, o amor não é cego como algumas pessoas pontuam; isso mais vale para paixão, é enxergar com muito mais profundidade e nitidez. “Ver um ser humano não apenas em seu ser-assim-e-não-de-outro-modo, mas, acima de tudo, ver o seu poder-ser e o seu dever-ser.” (FRANKL, 2019, p.94). Não só quem aquele ser amado é, mas também toda sua potencialidade, e no ato de amor ajudá-lo a realizar esse potencial. Para compreender melhor o que significa o amor na abordagem logoterapêutica, cabe apresentar a concepção de homem adotada por Frankl.

Concepção de ser humano por V. E. Frankl

Para Logoterapia e Análise Existencial (FRANKL, 2012) o ser humano é um ser bio-psico-espiritual. Possui uma dimensão corpórea, uma psíquica, e uma dimensão noética ou espiritual.

O termo noética vem do grego nous (espírito), esta última sendo a mais elevada dimensão da natureza humana, incorporando as demais. Nesta perspectiva, o homem não se restringe a uma compreensão biopsicossocial, o social aparece como uma relação do ser com o meio, e nem a uma redução a apenas uma dessas dimensões, o que ocasionaria em um reducionismo. Enxergar o ser humano apenas como corpo, ou mente, significa diminuí-lo a apenas uma dimensão, respectivamente biologismo, ou psicologismo. É preciso entender o homem em sua totalidade, em uma unidade apesar da pluralidade. “O homem é efetivamente uma unidade e uma totalidade corpóreo-psíquico-espiritual” (FRANKL, 2012, p. 62).

Para Cerqueira (2011, p.83) “na dimensão somática se situam os fenômenos biológicos corporais, o fundamento celular, os processos fisiológicos como a respiração, a digestão, o metabolismo, a produção e o efeito físico dos hormônios”. Na dimensão psíquica, encontramos personalidade de base, temperamento, caráter, crenças, pensamentos, emoções, fantasias e também, os impulsos inconscientes segundo a psicanálise. (FRANKL, 2019).

Na dimensão espiritual estão os fenômenos intrinsecamente humanos: a liberdade, a responsabilidade, os valores, a busca pelo sentido e as reflexões existenciais. É a dimensão humana, que distingue o homem dos outros animais. A dimensão que o torna capaz de deliberar, de ser livre, não de condicionantes psicofísicos, mas para responder a eles, com integridade e coragem.

“É nessa dimensão espiritual que se localiza a tomada de posição, em face das condições corporais e de existência psíquica, além das decisões pessoais de vontade, intencionalidade, interesse prático e artístico, criatividade, senso ético e a compreensão do valor.” (Guedes & Gaudêncio, 2012).

Frankl ainda propõe duas características antropológicas para o homem: a autotranscendência e o autodistanciamento. Este último diz respeito à capacidade humana de distanciar-se de si mesmo. O autodistanciamento pode ocorrer através do heroísmo, ao se colocar no enfrentamento de alguma adversidade; com o humor, a habilidade de rir, de uma forma genuína, dos seus problemas; e através da autocompreensão, aquele que se compreende tem uma maior chance de se distanciar de si próprio. (DOS SANTOS, 2016).

A abordagem logoterapêutica foge a todo instante de uma redução interpretativa do homem e de suas faculdades, o que Frankl chama de reducionismo.

Nesta perspectiva, definições que colocam o amor como um epifenômeno, tal como a Psicanálise que o considera como uma sublimação do instinto sexual, sexualidade desviada de seu fim, não são capazes de compreender a totalidade deste. A Logoterapia utiliza-se da análise fenomenológica, relação de um ser com os fatos (o mundo), entendendo assim o amor como um fenômeno antropológico, um fenômeno originariamente humano.

“O amor constitui um dos dois aspectos do que designei como a autotranscendência da existência humana. Com isso, abranjo o fato antropológico fundamental de que o ser-homem sempre indica um transcender na direção de um sentido, que o homem preenche, ou de um companheiro, que ele encontra. E somente na medida em que o homem assim transcende, ele se realiza - a serviço de uma causa, por amor a alguém.” (FRANKL, 2019, p.77)

Os dois aspectos da autotranscendência são a consciência e o amor. O amor diz respeito a única forma de captar outro ser na sua singularidade, e a consciência de captar o sentido de uma situação em sua unicidade. Ou seja, o ser humano não é fechado em si, ele se realiza na abertura para o mundo (FRANKL, 2019).

Atitudes em relação ao Amor

Em relação a perspectiva estratificada de pessoa existem diferentes atitudes que podem tomar o homem como sujeito que ama, e experimenta a vivência do amor e a vivência do outro. Assim, “às três dimensões da pessoa humana correspondem também três possíveis formas de atitude” (FRANKL, 2010, p.174). A atitude sexual, ligada à dimensão corporal, a atitude erótica, relacionada com a dimensão psíquica e a atitude de amor, radicada na dimensão espiritual.

1.1 Atitude sexual

A atitude sexual é a mais primitiva das atitudes, orientando a intenção para a corporalidade. O parceiro é visto apenas como detentor de características atraentes específicas, não sendo enxergado como um ser único e insubstituível.

“Da aparência física de uma pessoa emana um atrativo sexual que desencadeia em outra, sexualmente predisposta, o impulso sexual, afetando-a, portanto, na sua corporalidade” (FRANKL, 2010, p.174).

Essa atitude é caracterizada pela impessoalidade, foco excessivo nos aspectos físicos, incapacidade de dedicação genuína, na superficialidade e, como não há amor, na falta de fidelidade e promiscuidade. Assim, o sexo é visto como um meio para obtenção de um fim e não uma manifestação de amor, desumanizando a sexualidade.

Para Frankl (2019) o amor necessidade dessa realidade instintual, mas a sexualidade precisa ser humanizada,

“Até que ponto necessita o amor da sexualidade? Necessita dela na medida em que o impulso sexual é meio de expressão do amor. A esse propósito se pode adequadamente dizer que a vida sexual somente começa a ser humana, digna do sujeito, quando já for mais do que mera vida de sexo, tendo culminada em vida de amor.” (FRANKL, 2019, p.94)

1.2 Atitude Erótica

A atitude erótica é a forma imediatamente superior à atitude sexual. Nela há algo mais do que o mero desejo sexual. Instala-se no tecido anímico, no nível psíquico, e o outro passa a ser desejado, não apenas por características físicas, mas por determinados rasgos do seu caráter (FRANKL, 2010).

É aquela forma de atitude que como fase de relação entre dois seres humanos, se costuma identificar pelo nome de paixão de namorados. As qualidades físicas excitam-nos sexualmente; mas as qualidades anímicas são as que nos tornam “enamorados”. O namorado, portanto, já não está excitado na sua própria corporalidade, mas sim comovido na sua emocionalidade anímica (FRANKL, 2010, p.174)

Na atitude erótica estabelece-se um tipo, um padrão de homem com características atraentes, há uma emocionalidade anímica, por determinados traços do caráter. Abraçando essa atitude a pessoa tende a fixar-se nesse tipo, ou modelo, não conseguindo exercer uma vivência autêntica, frustrando a si mesma e ao parceiro na relação. Ainda apresenta uma dinâmica de impessoalidade, onde o par pode ser substituído por outro com características similares. Como na atitude sexual é pautado no ter, não chegando ainda ao cerne da outra pessoa.

1.3 Atitude de Amor

O amor é a forma mais elevada de atitude, nela entra-se em contato com a parte mais profunda de outro ser, com o cerne espiritual de outra pessoa: “Amor é a forma mais elevada possível do erótico (no sentido amplo do termo), porquanto representa a mais profunda penetração possível na estrutura pessoal da outra parte: o entrar em relação com ela, como algo de espiritual.” (FRANKL, 2010, p.175)

Relacionar-se com a pessoa espiritual é justamente tocar no que ela tem de exclusivo (caráter de algo único) e de irrepetibilidade (os únicos traços que a constituem como pessoa espiritual). O amor não é, como nas atitudes anteriores, pautado no ter, mas sim, no ser. Quem ama de verdade vê para além da roupagem física, não se trata de um tipo físico que excita, ou de um caráter anímico que apaixone, mas sim, o próprio ser humano, o que ele é. Aqui é onde está “a mais alta forma possível de companheirismo” (FRANKL, 2010, p.175). Nessa perspectiva Frankl (2019) propõe o amor como algo além do encontro, reconhecendo não só o que há de humano, mas o que há de singular.

Esse é o verdadeiro amor, não suas manifestações “improdutivas” e destoantes. Esse é o amor que requer um desenvolvimento da personalidade total, maturidade e coragem. Esse é o amor que pode ser uma das formas de encontrar sentido na existência.

Conclusão

Ao longo desse artigo foi clarificado, dentro dos referenciais teóricos apresentados e propostos, que o amor se consolida como uma faculdade, assim apresenta uma manifestação clara e saudável, não sendo algo relativo. Isso desmistifica muito da crença popular atual, onde o amor é visto de forma naturalizada, como objeto de sorte ou acaso, onde nada precisa ser aprendido e desenvolvido para uma vivência saudável e produtiva. Vive-se um momento de banalização do uso do vocábulo amor, mostrando um desconhecimento do valor antropológico do fenômeno.

Apresentou-se distinções teóricas entre os diversos tipos de manifestações humanas; segundo o conceito da liquidez de Bauman, mostrando que existem atos de desejo e impulso; na perspectiva logoterapêutica, apresentando o conceito de homem e suas atitudes em relação ao amar. Foi descrito, também, premissas que norteiam a ideia de um problema no amor contemporâneo, como este vem sendo vivenciado pelo homem médio em diferentes aspectos, desde uma confusão afetiva, paixão (dimensão psíquica) confundida com amor (dimensão espiritual), até uma mercantilização do afeto pautando as relações humanas no ter.

Desenvolvendo a visão logoterapêutica do homem, apresentou-se a dimensão espiritual. O verdadeiro amor só é acessado e percebido através dessa dimensão humana. Assim, qualquer perspectiva que negue o homem espiritual, nega também a vivência de um amor que percebe o ser em si, como único e insubstituível.

Manter comportamentos e atitudes que nos distanciam da dimensão espiritual não nos aproxima de uma vivência genuína do amor, como real caráter autotranscendente. É necessário escancarar os comportamentos humanos atuais, pontuando de uma forma clara e concisa em que consistem. Amar não pode ser visto como um artifício romântico para entretenimento e conveniência. É preciso uma abertura genuína e a Logoterapia pode ser uma resposta assertiva a esse problema contemporâneo da banalização do amor e do amar.

Não cabe, passar uma ideia de que o amor pode ser excessivamente racionalizado, existe uma dimensão do phatos. Agora, seguindo a premissa de Erich Fromm (1991, p.14) amar é uma arte; “O processo de aprendizado de uma arte pode ser adequadamente dividido em duas partes: uma, o domínio da teoria: outra, o domínio da prática.” Esse artigo espera ter ajudado principalmente na parte do

domínio teórico e ter aberto margem para uma reflexão íntima do leitor em relação a suas atitudes e comportamentos voltados para o amar.

Esse trabalho teve um caráter exploratório de apresentação e conceituação do tema. Abre um leque de oportunidades para desenvolvimentos teóricos com outras abordagens e perspectivas no futuro, e também para possíveis pesquisas de campo que contextualizam melhor as problemáticas em relação ao amor. Pesquisa de opinião pode vir a ser uma etapa seguinte interessante para se colocar em evidência essas questões e acrescentar novas.

Referências Bibliográficas

BAUMAN, Z. **Amor Líquido**: sobre a fragilidade dos laços humanos. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

CERQUEIRA, E. K. **Sexualidade, gênero e desafios bioéticos**. São Caetano do Sul-SP: Difusão Editora, 2011.

COTTA, D. **O pseudoamor como um fenômeno da sociedade contemporânea**: uma proposta de diálogo entre Erich Fromm e Zygmunt Bauman. Cadernos Zygmunt Bauman, v. 9, n. 20, 2019.

DOS SANTOS, D. M. B. **Logoterapia**: compreendendo a teoria através de mapa de conceitos. Arquivos brasileiros de psicologia, v. 68, n. 2, p. 128-142, 2016.

DE OLIVEIRA, R.V. **O sentido do amor na Logoterapia e Análise Existencial de Viktor Frankl**. Edição do Kindle.

Estadão Conteúdo. **Um a cada três casamentos termina em divórcio no Brasil**. Veja, 2017. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/brasil/um-a-cada-tres-casamentos-termina-em-divorcio-no-brasil/>>. Acesso em: 28/05/2020

FRANKL, V. E. **Em busca de sentido**: um psicólogo no campo de concentração. Petrópolis: Vozes, 2008.

FRANKL, V. E. **Psicoterapia para todos**. Editora Vozes Limitada, 2019.

FRANKL, V. E. **Logoterapia e análise existencial**: textos de seis décadas. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012

FRANKL, V. E. **O sofrimento humano**: fundamentos antropológicos da psicoterapia. Tradutores: Renato Bittencourt e Karleno Bocarro. São Paulo: É Realizações, 2019.

FRANKL, V. E. **Psicoterapia e sentido da vida**. 5 ed. São Paulo: Quadrante, 2010.

FROMM, E. **A arte de amar**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1991.

Guedes, K. C., & Gaudêncio, E. O. **Trabalho e Logoterapia**: análise existencial da situação de desemprego. Revista Logos & Existência, 1(1), 26-37, 2012.